

HISTÓRIA DA MINHA VOCAÇÃO

«Mas ainda te falta uma coisa» (Lc 18,22)

Lembro-me de ter tido uma infância feliz. Brinquei muito com os meus irmãos e primos. Hoje, à medida que o tempo passa, compreendo melhor a graça que é a família que Deus nos deu. Foi dela que recebi muito do que me tornei, sobretudo dos meus pais. Foram eles que com paciência – muita! – me ajudaram a crescer, ao pouco e pouco, nas virtudes humanas e cristãs.

Fui baptizado no dia de Nossa Senhora do Carmo na paróquia de Santo António do Estoril. Tinha nessa altura cerca de um mês. Depois de tamanha graça, os meus queridos pais tiveram a ideia, certamente inspirada, de me oferecer à Imaculada Conceição pois eu era o primeiro filho. Depois do rito do Baptismo, levaram-me à ao altar da nossa Padroeira e lá fizeram unidos o acto de oferecimento, após o qual o meu pai confessa que lhe passou pela cabeça a possibilidade de eu vir um dia a ser padre. A partir daquele momento eu era propriedade de Maria.

Depois os anos foram passando e lembro-me de receber o Crisma. Ao Domingo à Missa não me lembro de ter faltado alguma vez. Ia com os meus pais, mas recordo-me de achar que às vezes a Missa nunca mais acabava...

Certo dia, na Missa dominical nos Salesianos do Estoril, coloquei-me a questão de se realmente eu acreditava no que fazia durante a Missa. A resposta foi rápida e afirmativa, e ainda hoje me lembro desta cena. Foi uma profissão de fé, consciente e voluntária, que deu origem a uma certa viragem na minha relação com Deus. A partir daquele dia tudo passou a ser feito com mais vontade e convicção. Já não ia à Missa porque sim, mas porque acreditava e por isso queria ir.

Em minha casa infelizmente não tínhamos o hábito de rezar o Terço em família. Digo isto porque o Terço também foi como que um segundo empurrão na minha relação com Jesus e Maria numa altura em que estava já a estudar gestão na Universidade Católica. Um belo dia fui convidado para animador de um campo de férias católico. Foi uma experiência nova e muito marcante pois convivi com muitos jovens que viviam a sua fé com muita alegria. Num dos dias do campo, quando estávamos todos a partilhar as conclusões de um tema em que tínhamos reflectido em pequenos grupos, lembro-me de ter tomado a palavra e ter dito que Nossa Senhora em Fátima nos tinha pedido que rezássemos o Terço todos os dias. O Padre que nos acompanhava perguntou-me logo de seguida se eu rezava o Terço todos os dias, e eu tive que admitir publicamente que não o rezava. Éramos para aí umas setenta pessoas. Foi humilhante, mas muito salutar. Esta ocasião levou-me a começar a rezar o terço diariamente, graças a Deus, até hoje.

Depois do campo de férias comecei a envolver-me em vários Movimentos eclesiais que também me ajudaram muito a crescer na fé e na caridade. Primeiro foram a Equipas de Jovens de Nossa Senhora e depois o Grupo de Jovens de S. Francisco e também um grupo de *lectio divina* organizado pelo meu pároco. Graças às EJNS comecei a fazer os Primeiros Sábados, a confessar-me todos os meses e a conhecer melhor a mensagem de Fátima. Com o Grupo de Jovens de S. Francisco aprendi a louvar a Deus e a rezar com o coração. Foi tudo muito bom. No grupo da *lectio divina* fui conhecendo melhor a Palavra de Deus que queimava cá dentro...

A questão da vocação sacerdotal começava ao pouco e pouco a colocar-se. Muitas vezes eram as pessoas com que falava de temas religiosos que me diziam que eu iria ser padre ou frases do tipo: “tu pareces um padre a falar”. Confesso que eu ficava um bocado irritado com isso porque Deus me tinha mostrado que nos chama a todos a sermos santos e que portanto todos deveríamos ter zelo e empenho pelas coisas do

Senhor e pela salvação das almas e não apenas os padres e as freiras. Para além disso, tinha alguns sonhos que sabia serem compatíveis com a santidade. Queria casar, ter dez filhos e uma equipa de motas para fazer corridas. E o Senhor também me tinha feito perceber que nos tempos que vivemos eram necessários santos no meio do mundo, com uma vida normal e ao mesmo tempo heróica que brilhassem como estrelas no meio das trevas que nos rodeiam. Esta luz que o Senhor me deu acerca da vocação universal à santidade, veio, mais tarde, dar origem ao site www.santidade.net.

Nessa altura, tinha o bom hábito de, antes de me deitar, ler uma pequena passagem do Novo Testamento. Lia continuamente, ou abria uma passagem ao acaso. Em certas alturas, quando me questionava acerca da Vontade de Deus para mim, fazia uma pequena oração ao Espírito Santo pedindo-Lhe que me iluminasse e abria o Novo Testamento ao calhas. Parecia incrível, mas a Deus nada é impossível, saía-me com frequência a passagem do jovem rico nos diferentes Evangelhos. Se queres ser perfeito, vai vende todos os teus bens e depois vem e segue-Me (cf. Mc 10, 17-31, Mt 19, 16-30, Lc 18, 18-30). No meu íntimo, eu sabia que Deus me estava a pedir o mesmo que pediu ao jovem rico e gostava que no meu caso a história tivesse um final feliz.

O tempo foi passando e era cada vez mais claro que Jesus me chamava a ser padre. A mim, não me parecia uma boa ideia e por isso não tomei nenhuma decisão. Continuei com os estudos. Comecei a sentir-me cada vez mais encurralado pela proposta do Senhor. Já não dava para fingir que não percebia. Até comecei a dormir mal. Fiz então uma espécie de contra-proposta a Jesus: “termino o curso – faltavam-me três anos – e depois vou um ano para o Seminário”. A minha atitude não era grande coisa. No fundo tinha esperanças que o Seminário corresse mal e depois podia por em prática o plano que tinha idealizado com muitos filhos e motas. A paciência de Jesus é grande. Enfim, mesmo não tendo um coração assim muito disponível tinha decidido obedecer a Deus ainda que com alguma relutância. Depois desta decisão senti logo uma grande paz e voltei a dormir bem.

Por essa altura creio que já ia Missa todos os dias, confessava-me todas as semanas, rezava o Rosário, e jejuava às Segundas, Quartas e Sextas. Foram conselhos que tomei como vindos da Virgem Maria e que mudaram muito a minha vida. Com o passar do tempo a ideia, de ser padre deixou de ser incómoda e passou, progressivamente, a ser cada vez mais atractiva. Quando chegou o final do curso já não queria ir apenas um ano para o Seminário, mas queria ser padre, seguir Jesus incondicionalmente e oferecer-Lhe toda a minha vida através do Coração Imaculado de Maria.

Hoje, dou graças a Deus de todo o coração por me ter chamado a servi-Lo no sacerdócio ministerial. Que grande graça... Penso que ninguém realiza bem a graça que é ser padre. Entregar a nossa vida a Jesus para que Ele nos use com o mesmo poder que tinha há dois mil anos, para consagrar a Eucaristia, perdoar os pecados, curar os doentes, expulsar os demónios, e anunciar a Boa Notícia de que Ele nos ama infinita e incondicionalmente, nos perdoa e quer vir viver em nós. Glória a Ti Senhor!

Pe. Duarte Sousa Lara